

## **O CASO DA CONSTRUÇÃO [(S<sub>Ni</sub>) PEGAR (S<sub>Nj</sub>) (E) (S<sub>Ni</sub>) V2 (S<sub>Nj</sub>): MULTIFUNCIONALIDADE?**

Maria Alice Tavares  
Departamento de Letras – UFRN

**RESUMO:** Neste estudo, na esteira do funcionalismo de vertente norte-americana, descrevo e analiso propriedades morfosintáticas e semântico-pragmáticas da construção [(S<sub>Ni</sub>) PEGAR (S<sub>Nj</sub>) (E) (S<sub>Ni</sub>) V2 (S<sub>Nj</sub>)], da qual são exemplos: (i) mas ele tem medo de enfrentar... de encarar a realidade... de pegar o seu direito de voto e dizer assim: “eu vou usar essa arma”; (ii) Então a gente tem que pegar essa linguagem tida como corriqueira e trazer para a linguagem formal, quer dizer, há a transformação do que era banal e trazer p’uma coisa mais elitizada. Tenho como objetivo discutir a questão da correlação função-forma: é possível que a construção sob enfoque desempenhe duas funções distintas? Segundo Hopper (2001), o efeito de construções desse tipo, no inglês, parece ser o de uma construção verbal transitiva em que o verbo lexical e seu objeto estão em diferentes orações, isto é, o objeto está na primeira e o verbo está na segunda. Nessa segunda oração, o SN objeto é retomado através de anáfora pronominal ou de anáfora zero. PEGAR funcionaria, nesses casos, como uma espécie de auxiliar verbal que introduz o objeto do verbo pleno imediatamente subsequente. Portanto, PEGAR não remeteria a um evento distinto, apenas ressaltaria o objeto desse segundo verbo, tomando-o como seu argumento. Todavia, em alguns casos, constatei a possibilidade de haver a idéia de uma espécie de seleção, de escolha, de distinção de um referente face a outros possíveis. Os usos de PEGAR na indicação de seleção/distinção e no destaque ao objeto a ser retomado anaforicamente pelo segundo verbo podem, a princípio, ser representados pela mesma construção, [(S<sub>Ni</sub>) PEGAR (S<sub>Nj</sub>) (E) (S<sub>Ni</sub>) V2 (S<sub>Nj</sub>)]. As ocorrências identificadas com essa construção não raro envolvem o fenômeno da sobreposição, sendo então difícil precisar se há seleção/distinção ou a mera introdução do objeto. Portanto, não é claro se a construção [(S<sub>Ni</sub>) PEGAR (S<sub>Nj</sub>) (E) (S<sub>Ni</sub>) V2 (S<sub>Nj</sub>)] representa apenas um dos usos de PEGAR em língua portuguesa (com dados que se conformam mais ou menos a certas propriedades definidoras) ou se representa dois usos diferentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** construção [(S<sub>Ni</sub>) PEGAR (S<sub>Nj</sub>) (E) (S<sub>Ni</sub>) V2 (S<sub>Nj</sub>)]; multifuncionalidade; funcionalismo norte-americano

### 1. Introdução

Neste estudo, na esteira do funcionalismo de vertente norte-americana, descrevo e analiso propriedades morfosintáticas e semântico-pragmáticas da

construção [(S<sub>Ni</sub>) PEGAR (S<sub>Nj</sub>) (E) (S<sub>Ni</sub>) V2 (S<sub>Nj</sub>)],<sup>1</sup> da qual são exemplos as seguintes ocorrências:

(1) Porque nós temos o letramento na escola. Então a gente tem que pegar essa linguagem tida como corriqueira e trazer para a linguagem formal, quer dizer, há a transformação do que era banal e trazer p'uma coisa mais elitizada. Porque a linguagem é elitizada, você sabe, a linguagem exigida é elitizada. (professora de língua portuguesa – cf. RAQUEL, 2007:142)

(2) eu posso até dizer assim ... é como se ele visse ... ele olhasse pra um lado ... olhasse pra outro e visse tá aqui a solu/ a solução ... tá nas minhas mãos ... a solução do país tá nas minhas mãos ... a solução dos meus filhos futuramente tá nas minhas mãos ... mas ele tem medo de enfrentar ... de encarar a realidade ... de pegar o seu direito de voto e dizer assim ... “eu vou usar essa arma” ... não ... eles se deixa enganar ... se deixa iludir por um dinheiro ... por uma cara bonita ... por um ... por um:: meio de comunicação como é a televisão ... (FURTADO DA CUNHA, 1998:125)

Tenho como objetivo discutir a questão da correlação função-forma: é possível que a construção sob enfoque desempenhe duas funções distintas?

## 2. Referencial Teórico

O tratamento funcionalista à língua fundamenta-se na aceitação, em maior ou menor grau, do (meta)princípio da *iconicidade*, segundo o qual as estruturas lingüísticas tendem a refletir e a ser pressionadas por funções (cf. GIVÓN, 1990). Se algo é posto em uso, o é por conta de algum papel que desempenha no discurso. A iconicidade não implica, porém, a existência de correspondências biunívocas e não arbitrárias do tipo representado pela fórmula 1:1 (isto é, para cada forma há uma função). Formas e funções estão sempre em mobilidade, havendo não raro mais de uma forma para cada função e mais de uma função para cada forma. A iconicidade que caracteriza a língua reside no fato de que as formas são usadas sob influência de um conjunto de motivações funcionais.

O funcionalismo lingüístico norte-americano defende que as correlações entre funções e formas estão continuamente em mobilidade devido à própria natureza da gramática, um sistema aberto, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia, inclusive em termos de frequência. Ela é

[...] um conjunto vagamente organizado de memórias sobre o que as pessoas ouvem e repetem ao longo de sua vida em situações de comunicação, um conjunto de formas, padrões e práticas que surgem

<sup>1</sup> No esquema da construção, temos as seguintes correspondências: SN anterior a um verbo = *sintagma nominal sujeito*; SN posterior a um verbo = *sintagma nominal objeto direto*; SP posterior a um verbo = *sintagma preposicional objeto indireto*; V2 = *o segundo verbo da construção* (o primeiro verbo é PEGAR). Uma letra minúscula (i, j) relaciona dois sintagmas nominais quando o referente de ambos é obrigatoriamente idêntico. Todos os itens entre parênteses podem aparecer codificados lingüisticamente ou podem aparecer como anáforas zero, cujo referente é contextualmente recuperável.

para servir às funções que os falantes necessitam desempenhar com maior frequência. (FORD; FOX; THOMPSON, 2003:122)

Estratégias retóricas envolvendo itens lexicais e/ou gramaticais, inicialmente criativas e expressivas, tornam-se habituais por terem sido utilizadas recorrentemente em determinado tipo de contexto interacional (HOPPER, 1987). Segundo Thompson e Couper-Kuhlen (2005), tais padrões gramaticais habituais suprem a necessidade humana de seguir modos rotinizados para agir no mundo: certos tipos de ação desencadeiam certos tipos de gramática.

O movimento de rotinização gramatical é denominado *gramaticalização*, caracterizado como o processo de regularização gradual pelo qual uma estratégia freqüentemente utilizada em situações comunicativas específicas adquire função gramatical. A freqüência de exposição e de uso das fórmulas gramaticais é de grande importância para o estabelecimento e a manutenção da gramática: sua representação cognitiva é afetada pelo contato do usuário da língua com repetidas instâncias de uso no sentido em que *tokens* da experiência fortalecem os exemplares armazenados (PIERREHUMBERT, 2001; BYBEE; HOPPER, 2001).

### 3. Multifuncionalidade?

Retomemos as ocorrências (1) e (2):

(1) Porque nós temos o letramento na escola. Então a gente tem que pegar essa linguagem tida como corriqueira e trazer para a linguagem formal, quer dizer, há a transformação do que era banal e trazer p'uma coisa mais elitizada. Porque a linguagem é elitizada, você sabe, a linguagem exigida é elitizada. (professora de língua portuguesa – cf. RAQUEL, 2007:142)

(2) eu posso até dizer assim ... é como se ele visse ... ele olhasse pra um lado ... olhasse pra outro e visse tá aqui a solu/ a solução ... tá nas minhas mãos ... a solução do país tá nas minhas mãos ... a solução dos meus filhos futuramente tá nas minhas mãos ... mas ele tem medo de enfrentar ... de encarar a realidade ... de pegar o seu direito de voto e dizer assim ... “eu vou usar essa arma” ... não ... eles se deixa enganar ... se deixa iludir por um dinheiro ... por uma cara bonita ... por um ... por um:: meio de comunicação como é a televisão ... (G)

Quanto ao exemplo (1), será que primeiro a linguagem é pega, e depois é que é “trazida” para a linguagem formal? Em (2), será que primeiro o direito de voto é pego, e depois é que se diz algo sobre ele? Não faria mais sentido interpretarmos a construção *pegar essa linguagem tida como corriqueira e trazer para a linguagem formal* como se referindo a um único evento, isto é, ‘trazer a linguagem corriqueira para a linguagem formal’, assim como poderíamos interpretar a construção *pegar o seu direito de voto e dizer assim* como se referindo a um único evento, ‘dizer assim sobre o seu direito de voto’? Ou seja, as construções destacadas em (1) e (2) se refeririam a um único evento, podendo ser parafraseadas pelo segundo verbo.

Se considerarmos que, em (1) e (2), a primeira oração não traz uma

afirmação distinta da afirmação feita pela segunda, então estamos diante de casos similares aos comentados por Hopper (2001) com base em dados do inglês, envolvendo a construção TAKE+NP+AND, como nos exemplos (3) e (4).

(3) *They took the same design as before and enlarged it* by including a library and a gymnasium.<sup>2</sup>

Eles pegaram o mesmo design de antes e o ampliaram com a inclusão de uma biblioteca e de um ginásio.

(4) He was also saying *I'm going to take that rational mind and hide it*.

Ele também estava dizendo que eu vou pegar essa mente racional e escondê-la.

Como no caso do inglês, o efeito de construções desse tipo no português parece ser o de uma construção verbal transitiva em que o verbo lexical e seu objeto estão em diferentes orações, isto é, o objeto está na primeira e o verbo está na segunda. Nessa segunda oração, o SN objeto é retomado através de anáfora pronominal ou de anáfora zero. No caso de *pegar essa linguagem tida como corriqueira e trazer para a linguagem formal* (exemplo (1)) e de *pegar seu direito de voto e dizer assim* (exemplo (2)), temos anáfora zero.

PEGAR funcionaria, nesses casos, como uma espécie de auxiliar verbal que introduz o objeto do verbo pleno imediatamente subsequente, mas que nem por isso deixa de ser transitivo, já que é complementado pelo objeto. A construção seria, então, composta, em sua primeira metade, pelo verbo PEGAR que, embora não se comporte como pleno, seria ainda assim transitivo, e, em sua segunda metade, por um verbo transitivo. PEGAR, portanto, não remeteria a um evento distinto, apenas ressaltaria o objeto desse segundo verbo, tomando-o como seu argumento.

Caso similar é de construções na língua africana **yatye**, exemplificado por Givón (2001) com o dado transcrito em (5), em que o verbo *awa* (*pegar*) destaca *nutsi* (*porta*) como detentor do papel semântico de paciente, objeto do verbo *iku* (*fechar*). Em (6), temos mais um caso, do **baule**, em que o verbo *fà* (*pegar*) introduz o objeto direto (*í swa – sua casa*) do verbo que se segue, *klè* (*mostrar*) (AIKHENVALD, 2001):

(5) iywi     awa     nutsi     iku  
      boy     took     door     shut  
      garoto   pegou   porta   fechou  
      the boy shut the door  
      o garoto fechou a porta

(6) 0-à-fà                    í     swa     n     à-klè                    mi  
      he-ANT-take            his   house   DEF   ANT-show        me<sup>3</sup>  
      ele-ANT-pegar        sua   casa   DEF   ANT-mostrar    me  
      He has show me his house

<sup>2</sup> As traduções dos dados do inglês para o português são de minha responsabilidade.

<sup>3</sup> ANT = anterior, DEF = definido.

Ele me mostrou sua casa / Ele me mostrou a casa dele

Como se trata de uma construção monopredicativa, a construção sob enfoque, além da referência a um único evento, caracteriza-se por envolver dois verbos que têm o mesmo tempo, aspecto e modo, e pelo fato de o sujeito desses verbos ser o mesmo. Essas propriedades são verificadas nas ocorrências (1) e (2).

Todavia, se em (1) e (2) há apenas um evento em jogo, por que apresentar em uma parte da construção o objeto (ou seja, por que usar o verbo PEGAR para introduzir o objeto?), e em outra, o verbo pleno? Entre os efeitos pragmáticos que construções como (1) e (2) podem apresentar, destaca-se a simplificação, pois, ao se dividir a oração em duas partes, cada uma delas passa a deter um pedaço da informação e o ouvinte pode processá-la mais facilmente ao recebê-la em partes. Além disso, ocorre a manutenção da atenção do interlocutor por mais tempo, já que a estratégia de uso de dois verbos ao invés de um e de retomada do SN depois do segundo verbo aumenta consideravelmente a extensão do turno do falante. Além disso, há ainda a acentuação da importância da informação transmitida através de sua distribuição em duas unidades prosódicas.

Segundo Hopper, na construção TAKE NP AND, *take* apenas introduz o objeto do verbo que vem a seguir, sem trazer em si traços semântico-pragmáticos mais específicos, isto é, não faz indicações a nenhum tipo de evento que se distinga do evento reportado pelo segundo verbo e não acrescenta traços aspectuais. Mas, em alguns casos, observamos a possibilidade de haver a idéia de uma espécie de seleção, de escolha, de distinção de um referente em relação a outros possíveis. Vejamos alguns exemplos fornecidos pelo autor:

(7) *We take that concept and apply it*

Nós pegamos esse conceito e o aplicamos

(8) Other times *I'd maybe take half the class and assess them* at one task and the other half on a different task later on.

Em outras épocas, talvez eu pegasse metade da turma e os avaliasse em uma tarefa e a outra metade em uma tarefa diferente mais tarde.

Conforme Hopper, *nós pegamos esse conceito e o aplicamos* corresponde à paráfrase *nós aplicamos este conceito* e a diferença é que, na construção sob enfoque, o objeto de *aplicar* recebe uma introdução mais marcada, aparecendo na primeira oração e sendo retomado anaforicamente na segunda. PEGAR não seria, nesse caso, verbo pleno e não faria referência a um evento distinto do de *aplicar*.

No entanto, é possível que PEGAR traga, nesse exemplo, a idéia de seleção/distinção: *selecionamos esse conceito e o aplicamos*. A idéia de seleção também pode ser notada em (8): de uma turma de alunos, o professor escolhe ('pega') a metade dos alunos e faz com eles uma avaliação. Obviamente, essa interpretação de PEGAR como 'selecionar' não envolve o significado 'retirar X de um lugar e segurar X' no plano físico, no mundo concreto, facilmente observável em *João pegou a panela e a encheu* (a construção 1). Em ocorrências como (7) e (8), PEGAR estaria denotando um processo cognitivo: 'pega-se' (seleciona-se, distingue-se) mentalmente pessoas, coisas, idéias.

Nessa possibilidade de leitura, estaria envolvido um só evento ou dois? Primeiro se pega/ escolhe/distingue mentalmente um objeto, depois se faz algo (mental ou fisicamente) com esse objeto? Ou seria PEGAR tão ligado semanticamente ao segundo verbo que não aparece isolado deste (isto é, a oração em que está PEGAR com o significado de selecionar/distinguir não faria sentido sem a oração posterior)? Na amostra de dados utilizada, observei haver ocorrências isoladas de orações nucleadas por PEGAR significando ‘retirar X de um lugar e segurar X’ no plano físico, sem a necessidade de complementação via uma oração coordenada subsequente, como no exemplo (9). Isso indica que o ato de pegar algo no plano físico pode ser apresentando no discurso independentemente de um evento subsequente, o que não parece ser possível no caso de “pegar” algo no plano mental (na construção sob estudo).

(9) quando os pacientes chegam ... minha filha ... aí que o trabalho aumenta ... porque um quer água ... aí lá vai eu pegar água ... outro quer café ... lá vai eu fazer café ... uma pessoa só pra várias funções ... né? (FURTADO DA CUNHA, 1998:234)

De qualquer forma, quando PEGAR envolve retirar algo de um lugar, o objeto do verbo é afetado fisicamente (é movido de um lugar a outro), o indivíduo referido pelo SN sujeito atua fisicamente sobre o objeto e o evento é codificado através de uma estrutura transitiva prototípica. Em contraste, quando PEGAR envolve um processo de seleção/distinção que se dá na mente de alguém, o paciente não é afetado e o indivíduo referido pelo SN sujeito não age fisicamente, o que acarreta graus menores de transitividade.

Cumpre apontar também que, em casos como (2) e (4), a idéia de seleção/distinção não parece estar presente, e podemos ter uma construção em que apenas um evento é referido. Há, portanto, necessidade de um estudo mais aprofundado de casos como os apresentados aqui, inclusive para se obterem evidências mais claras quanto ao *status* gramatical de PEGAR nessas ocorrências: trata-se de um verbo pleno? de um verbo auxiliar? de um verbo híbrido, que manifesta propriedades de verbo pleno e auxiliar ao mesmo tempo?

#### 4. Considerações finais

Quando indica seleção/distinção mental (na construção [(SNI) PEGAR (SNJ) (E) (SNI) V2 (SNJ)]), PEGAR aparece em um contexto de menor transitividade, pois o paciente não é afetado e o sujeito não age fisicamente. Quando introduz o objeto a ser recuperado anaforicamente pelo segundo verbo da construção (também na construção [(SNI) PEGAR (SNJ) (E) (SNI) V2 (SNJ)]), é transitivo no sentido de ser complementado por um objeto direto, embora haja um esvaziamento no significado de PEGAR. Teríamos, então, transitividade no sentido sintático, da complementação do verbo por um objeto direto, mas não no semântico, pois o objeto direto não sofre a ação de ser pego, apenas é posto em destaque no discurso ao ser introduzido na primeira oração. A segunda oração o retoma (através de anáfora pronominal ou anáfora zero) e, aí sim, há, ao lado da transitividade marcada estruturalmente, a semântica, pois o objeto direto sofre a ação denotada pelo verbo.

Os usos de PEGAR na indicação de seleção/distinção cognitiva e no

destaque ao objeto a ser retomado anaforicamente pelo segundo verbo podem, a princípio, ser representados pela mesma construção, isto é, [(SNI) PEGAR (SNJ) (E) (SNI) V2 (SNJ)]. As ocorrências identificadas com essa construção não raro envolvem o fenômeno da sobreposição, sendo então difícil precisar se há seleção/distinção cognitiva ou a mera introdução do objeto, e, mesmo nos casos mais claros de seleção/distinção cognitiva, é difícil dizer se a construção faz referência a um ou a dois eventos.

Portanto, não é claro se a construção sob enfoque representa apenas um dos usos de PEGAR em língua portuguesa (com dados que se conformam mais ou menos a certas propriedades definidoras) ou se representa dois usos diferentes. Talvez esse fenômeno de sobreposição, um sintoma típico da mudança lingüística, possa ser futuramente explicado considerando-se a questão da gramaticalização.

## Referências

- AIKHENVALD, A. Y. Serial verb constructions. RCLT. Disponível em <<http://www.latrobe.edu.au/rclt/workshops/2003/position%20paper.pdf>> Acesso em: nov. 2004.
- BYBEE, J.; HOPPER, P. J. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. *In*: BYBEE, J.; HOPPER, P. J. (Eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 01-24.
- FORD, C. E.; FOX, B. A.; THOMPSON, S. A. Social interaction and grammar. *In*: TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language**. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 119-143.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Corpus Discurso & Gramática** – a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.
- GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Syntax**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. **BLS**, v. 13, p. 139-157, 1987.
- \_\_\_\_\_. Hendiadys and auxiliation in English. *In*: BYBEE, J.; HAIMAN, J.; NOONAN, M. (Eds.). **Complex sentences in grammar and discourse**: a festschrift for Sandra Thompson. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 145-174.
- PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: word frequency, and lexical analysis. *In*: BYBEE, J.; HOPPER, P. J. (Eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-157.
- RAQUEL, B. M. G. **Sociolingüística, política educacional e a escola pública de Fortaleza/CE**: correlações teórico-metodológicas e político-pedagógicas. Fortaleza, 2007. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Ceará.
- THOMPSON, S. A.; COUPER-KUHLEN, E. The clause as a locus of grammar and interaction. **Discourse Studies**, v. 7, n. 4-5, p. 481-506, 2005.